

A luta por moradia e o surgimento da Vila dos Teimosos: uma análise a partir de relatos orais

Emília Ximenes Ferreira  
Centro de Referência da Assistência Social – CRAS  
[emilia\\_ximenes@yahoo.com.br](mailto:emilia_ximenes@yahoo.com.br)

Thelma Maria Grisi Veloso  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB  
[thelma.veloso@ig.com.br](mailto:thelma.veloso@ig.com.br)

Apresentaremos os resultados obtidos em pesquisa realizada na Vila dos Teimosos, Campina Grande (PB) que objetivou analisar a história de luta por moradia dessa comunidade, através de relatos orais.

Estudar um movimento social e, através da memória, analisar o processo de luta a partir dos relatos dos atores envolvidos tem como desdobramento a reconstrução de trajetórias individuais e coletivas, pois lembrar é reconstruir com imagens e ideias de hoje as experiências do passado (BOSI, 1994). Dirigimos o nosso olhar para os sentidos construídos por moradores da Vila dos Teimosos sobre as experiências da ocupação, investigando o que os impulsionou a resistir e permanecer no local, compreendendo as identidades construídas nos relatos.

Utilizamos a metodologia da história oral que nos faz repensar a história documentada a partir dos próprios sujeitos envolvidos nos acontecimentos lembrados. Essa é uma metodologia qualitativa de pesquisa que possibilita compreender os significados, as intencionalidades dos atos, as relações e as estruturas sociais como construções extremamente relevantes, tanto no seu advento quanto na sua transformação (MINAYO, 2004).

O foco da pesquisa em história oral são os significados dos fenômenos na perspectiva de quem os vivencia, pois se compreende que estes significados possuem um papel organizador das manifestações, das ocorrências, dos eventos, das vivências, das ideias e dos sentimentos. A Vila dos Teimosos nos possibilita o debate não só sobre as conquistas comunitárias, mas também sobre as situações das periferias de Campina Grande.

Obtivemos informações sobre a trajetória individual através da entrevista da história de vida e pudemos ver como cada um chegou à Vila. A entrevista da história de vida é de extrema relevância para a compreensão das experiências que permeiam determinado grupo social (NASCIUTTI, 1996).

Realizamos cinco entrevistas com mulheres que vivenciaram a conquista por moradia e ainda moram na comunidade, o que possibilitou o esclarecimento daquela trajetória que, por vezes, não tem como ser entendida ou elucidada de outra forma.

Para análise das entrevistas recorreremos ao método hermenêutico-dialético proposto por Minayo (1994). A proposta desta análise envolve algumas fases: a ordenação dos dados que consiste em mapeá-los e organizá-los durante o trabalho de campo; a classificação dos mesmos, momento necessário da leitura exaustiva das entrevistas, no qual é possível identificar o que aparece de relevante para poder construir as categorias do estudo; e a análise final, na qual se busca estabelecer relações entre os dados e os referenciais teóricos.

## 1. MEMÓRIA E IDENTIDADE

Os trabalhos com memória são importantes, pois demarcam a identidade individual, familiar ou do grupo. O individual passa a ser relacionado com grupos e com as instituições

das quais o indivíduo faz parte, como é o caso da família, da classe social, da escola, da Igreja ou do trabalho (MENEZES; AIRES; SOUZA, 2004).

Por outro lado, a memória é compreendida como sendo seletiva, pois nem tudo que acontece fica registrado. Como afirma Bosi (1994), fica o que se configura como algo importante ou que é reforçado pelo social. A memória é em si mesma subjetiva, estruturada pela linguagem, pela observação, pelas ideias e por experiências compartilhadas com os outros. Sendo assim, as memórias coletivas tendem a ser mais intensas e duradouras para as pessoas que pertencem ao grupo. No entanto, mesmo que a memória seja coletiva, é o indivíduo que recorda.

Analisar memórias nos ajuda a compreender a identidade de um sujeito ou grupo, pois quando recordamos, fazemos uma elaboração que representa o que somos para nós próprios e para aqueles que nos rodeia (QUEIROZ, 1999).

A concepção de identidade exposta aqui é aquela que a relaciona com movimento, com desenvolvimento do concreto, com a possibilidade de mudança e transformação. As identidades são diversas e mutáveis no contexto social em que são vividas e nos sistemas simbólicos nos quais são dados os sentidos das posições sociais dos sujeitos (HALL, 2000).

Para Ciampa (1984), a identidade é construída através de processos de pressuposição e reposição. Nesse sentido, ela não pode ser considerada como um produto e sim, como um estar sendo que vai se dando continuamente através da pressuposição ou reposição de personagens.

O mundo atual é fortemente marcado por uma cultura virtual, pela velocidade de informações que também são facilmente descartáveis, assim como as pessoas e os objetos. A dinâmica da narração espontânea necessita de outro nível de velocidade e o atual contexto da vida moderna pode possibilitar uma perda de referências, na diluição da substância da vida e na redução das possibilidades de construção do saber. Este fator influencia no desaparecimento de narradores espontâneos que fazem das lembranças fatos de pertencimento e sociabilidade. (DELGADO, 2003).

## 2. A LUTA POR MORADIA E O SURGIMENTO DA VILA DOS TEIMOSOS: OS PEDAÇOS DA HISTÓRIA

Concordamos com Bosi (1994) ao afirmar que o importante quando trabalhamos com histórias de vida é a narrativa da vida de cada um, a maneira como se reconstrói e o modo como pretende que seja sua vida assim registrada. Assim, apesar de compreendermos que é difícil recortar as narrativas, após categorizar as entrevistas para fins de análise, organizamos os resultados da pesquisa realizada em três blocos: *A trajetória de vida das moradoras*, *O início da luta* e *O processo de luta por moradia*.

### 2.1. A trajetória de vida das moradoras

As histórias de vida contadas aqui não são apenas de “militantes” da luta pela moradia, mas de pessoas que tiveram que enfrentar algumas adversidades. E estes relatos acabam transbordando simplicidade e resistência que se reflete na vida diária. O resgate da trajetória de vida possibilitou conhecer melhor a realidade individual e compreender os motivos que levaram as pessoas a irem morar na Vila dos Teimosos.

Em sua trajetória de vida, D. Camila<sup>1</sup> relata que vivia no sertão junto com sua mãe e seu marido e vinha com frequência a Campina Grande para visitar os parentes e depois os filhos, que se mudaram em busca de melhores oportunidades de emprego. No início da década de

---

<sup>1</sup> Para preservar o anonimato, os nomes das entrevistadas foram substituídos por pseudônimos.

oitenta se mudou definitivamente para Campina Grande com o marido e os filhos menores. Morou em um bairro que, na época, não tinha água. Resolveu ir com a família para Vila dos Teimosos para deixar de pagar aluguel.

No relato de D. Tânia, ela diz que casou “fugida” porque seus pais não aceitavam o rapaz. Com o tempo seus pais concordaram com a união e ela construiu um quarto pequeno no terreno da casa deles e, apesar de ter conseguido criar parte de seus filhos nesse local, achava muito incômodo e foi “batalhar” por um lugar na Vila dos Teimosos.

Já D. Sandra quando casou, nos anos setenta, foi morar em Campina Grande e disse que para poder criar os filhos teve que passar por muitas dificuldades, porque morava pagando aluguel.

Para D. Patrícia, viver em casa alugada não era a melhor opção, pois tinha cinco filhos e junto com o marido dividia as despesas da casa. Quando soube da invasão resolveu ir também para não ter mais que pagar aluguel.

Nos relatos de D. Taciana, a maior dificuldade que tinha era conseguir viver em um lugar onde não pagasse aluguel. Morou em pelo menos três casas antes de construir a sua na Vila dos Teimosos. Sua vida é relatada através dos pequenos trabalhos que conseguia realizar como costureira, agricultora e feirante.

## 2.2 O início da luta

Diante da necessidade de moradia, a invasão na Vila dos Teimosos – como é comum ocorrer neste tipo de movimento – foi feita de forma desordenada, não havendo uma programação prévia das pessoas envolvidas para iniciar a ocupação. Então, as moradoras tiveram experiências distintas do que poderíamos chamar de início, o momento quando cada uma chegou à Vila dos Teimosos.

Quando D. Taciana chegou à Vila dos Teimosos só tinham três casas de taipa construídas. Das narradoras é a mais antiga moradora. O começo da luta foi de trabalho e empenho para construir uma casa com barro ou qualquer coisa que servisse de moradia. *“Isso aqui tudo era roçado, [...] aí foram invadindo e fazendo as casinhas de taipa e varada com as varinha, aí depois botava umas palhinha de coco e vamos morar”*.

D. Tânia, quando soube da invasão na Vila dos Teimosos, chamou o marido para participar. Ele se negou afirmando que “essas coisas de graça nunca davam certo”. Ela foi mesmo assim e conta que chegou à Vila dos Teimosos para falar com o responsável que dividia os terrenos. Ela lembra que teve que insistir para conseguir um espaço na Vila dos Teimosos, e relata: *“Me arruma um terrenozinho aqui pra eu, pra ver se eu faço uma casinha pra mim. [...] Pequeninho, mas eu vou entrando devagarzinho daqui a pouco tô lá dentro”*.

No caso de D. Patrícia, quando ela chegou à Vila dos Teimosos só restava um terreno a ser invadido. O local era um buraco. *“Aí eu vim com as meninas aí tapei esse buraco todinho”*. O marido ficava trabalhando e ela se juntava com os filhos para construir a casa e não podia sair, pois outra pessoa poderia tomar o seu lugar ou os tratores iriam pôr abaixo.

A necessidade de vigiar o terreno para que ninguém invadissem é uma recordação de todas elas. D. Sandra lembra que ficou tomando conta do terreno, já marcado, até o marido conseguir algumas varas para construir a casa de taipa. *“Quando eu cheguei aqui era isolado: somente mato ao redor e a gente no meio”*.

D. Camila, disse que já faz tanto tempo que ocorreu a invasão que tem coisa que ela nem se lembra mais. Porém, lembra-se com exatidão do dia que foi para Vila dos Teimosos: 11 de dezembro de 1983. Como todos os outros, ficava no terreno em uma barraquinha improvisada. *“Que a pessoa vinha dos começo e tapava as paredes até com pano, essas coisas pra poder ficar de noite, passar a noite dentro pra poder não chegar outra pessoa e invadir”*.

### 2.3 O processo de luta por moradia

As casas eram feitas com pedaços de varas e barro, cobertas com o que se tinha, palha de coco, molambo ou pedaço de pano. A luz era do céu e para ter acesso à água, furava-se o cano ou pegava escondido de alguém durante a madrugada. Nesta situação, os moradores ficaram por quatro anos até que fossem construídas casas mais adequadas pela Prefeitura e viessem outros benefícios, como energia elétrica e água encanada.

Na organização para construção das casas, as moradoras descrevem que uns ajudavam os outros como um mutirão. Os que tinham madeira arrumavam para os outros que não tinham e assim iam formando a comunidade através de um trabalho coletivo. D. Taciana relata esta união que ocorria na época da invasão da Vila dos Teimosos: *“Um ajudava o outro, outro ajudava outro e isso a gente levou”*.

D. Camila lembra que para construir a igreja, as pessoas se reuniram para pedir material e, juntas com o padre, conseguiram levantá-la. Na igreja ocorriam aulas para as crianças e missas, além das reuniões de organização da comunidade e as aulas de catecismo todo sábado.

Para as entrevistadas a união se tornou um ponto marcante de conquista por possibilitar uma força para o grupo. Estar junto na luta pode ter um significado que vai além da necessidade por moradia. Para Mello (1998), pode significar *ser*, ter uma identidade possível ou localizar-se no espaço social mesmo que seja para viver com dificuldades.

Durante o processo de luta os moradores passaram por uma situação que reforçou o enfrentamento e a resistência. Em decorrência das chuvas, o açude Bodocongó encheu e a água invadiu as casas. D. Taciana lembra que as pessoas saíram correndo com o que podiam carregar, ela era uma delas. Receberam feira, roupa e colchões quando estavam desabrigadas. Esses auxílios foram importantes para D. Taciana: *“Pra pessoa se arremediar que não tinha nada, era tudo passando fome”*.

Outro relato sobre a enchente foi o de D. Patrícia, lembrando dos muitos que tiveram que abandonar suas casas e se abrigar no grupo escolar da comunidade, uma dessas pessoas foi sua filha. Para tirá-la da casa utilizaram uma canoa. Durante o tempo em que a água do açude não baixava o acesso à comunidade era feito dessa forma.

Outra lembrança é com relação às pessoas que estavam envolvidas nas reivindicações. Para D. Sandra foi a partir deles que o grupo aumentou e começaram a surgir reuniões e organizações em busca dos benefícios para a comunidade. D. Sandra diz que nunca esteve envolvida porque tinha que cuidar dos filhos e participava apenas de algumas reuniões que ocorriam na própria comunidade.

Já D. Patrícia lembra que participava diretamente nas reivindicações, trabalhando por melhorias para comunidade e contribuía para que todos se beneficiassem. *“De tudo tinha que tá por dentro, tudo tinha que tá em reunião, né? [...] Agora a gente tinha que arrumar pra gente e pra os outros, né? Porque a reunião era da comunidade, representar a comunidade, então tinha que ir”*.

As organizações de massa trazem melhoria para as condições de vida das pessoas na comunidade, principalmente por fazer valer a participação popular, seja pela ajuda mútua na construção das casas, ou pela representatividade diante do poder público. Quando tais organizações ocorrem no espaço urbano, pode ser visto como um reconhecimento de espaço ou a possibilidade de alternativas para mudanças e práticas na formação de sujeitos políticos (LAVERDI, 2007).

De acordo com o autor, a falta de moradia na década de 80 não era entendida apenas como uma expressão numérica e traduzida como déficit habitacional. Na verdade, ganhavam-se novos contornos sociais. Os espaços da favela, dos loteamentos clandestinos, dos cortiços, dos bairros periféricos, se tornavam visíveis através dos movimentos. A luta pelo acesso à moradia e à condições dignas de vida na cidade são pontos marcantes desse processo.

### 2.3.1 O que legitima a invasão

As dificuldades postas pela vida em sociedade impõem a determinados grupos ações consideradas ilegais, como é o caso das invasões de espaços públicos. No entanto, ao testemunhar e narrar tais ações, os sujeitos inserem em suas falas algo que não só justifica, mas legitima suas ações. Como é dito por D. Tânia: *“Agora num era invadir e tomar, era ir pra o terreno e ficar por ali”*.

D. Camila disse que não invadiu e sim que a casa era de outra pessoa que vendeu ao marido dela antes mesmo de estar terminada. Ela ressalta: *“Que eu num tinha casa, pagava aluguel. Aí a gente viemo pra cá. Mas nós nem invadimos, nós viemo e compramo”*. As formas de relatar o motivo da invasão são diversas, pois cada sujeito explica à sua maneira o que se passou naquele momento. Mas o eixo principal está em volta da necessidade de estar em um local onde não se pague aluguel. E essa condição também torna legítima a invasão.

Na Vila dos Teimosos, a permanência no local para conseguir, aos poucos, construir uma casa é visto como um momento de constante trabalho. Para D. Tânia este trabalho está presente em sua vida e em sua memória: *“Trabalhando, todo dia eu vinha pra aqui, trabalhar. [...] Nós ficuemo trabalhando!”*. Trabalhar para conseguir uma casa sugere a obtenção da condição de morador, o que legitima a luta. A legitimidade do movimento vai sendo construída a partir do que se faz para conseguir o espaço de moradia e as condições sociais que levam os sujeitos a participarem dos movimentos.

Outro aspecto de legitimação é a ação conjunta desses sujeitos que só faz reforçar as ações da comunidade. A fala de D. Camila exemplifica que a coletividade também é legitimadora da luta: *“A gente pensava que a gente tem que agir. A gente precisa, num pode pagar aluguel. E tem muitos, num é só a gente, vamo agir”*.

Outro fator importante que contribui para legitimação da luta é a presença de pessoas que não estão diretamente envolvidas. As narradoras sempre fazem referência a essas pessoas, sugerindo que a luta foi legítima, principalmente, quando dizem que esses agentes externos foram que concretizaram a construção das casas. A fala de D. Sandra exemplifica bem esta situação: *“Aí depois com cinco anos ou foi seis, aí foi o tempo que Ronaldo [prefeito da época] foi eleito. Aí Ronaldo tirou a casa de taipa tudinho e fez essas que nós tamo agora”*.

Vale ressaltar que, embora redefinidas, as práticas clientelistas surgem como forma de dominação, já que os espaços conquistados pelos moradores são representados como conquista dos agentes externos. (JACOBI, 1982). O poder público reconhece o movimento a partir de seus porta-vozes que são legitimados pelos moradores. E é a partir desses fatores e desses discursos que se constrói a legitimidade na memória dos grupos.

### 2.3.2 Sujeitos teimosos

A peculiaridade desta comunidade está em seu próprio nome, Vila dos Teimosos. Os sujeitos que ali se encontravam com o intuito de construir suas casas tiveram que enfrentar inúmeras dificuldades diante do poder público que não considerava interessante a construção de casas em um local desfavorecido geograficamente, onde o açude (na época maior que hoje) poderia causar enchentes e trazer prejuízos maiores para a prefeitura.

Para os moradores a preocupação estava em viver em uma cidade onde a oportunidade de emprego era maior e também de poder morar em um local onde não se pagasse aluguel. Não sair do local significou ser conhecido como teimoso, o que não desestimulou os moradores, ao contrário, a identificação com a conquista aumentou.

Os moradores permaneciam no local e construíam suas casas na preocupação de que a qualquer momento a polícia iria aparecer para pôr tudo abaixo. A persistência e determinação em busca de um local para morar são constantes na fala das entrevistadas. Como é descrito

por D. Tânia: “A polícia vem e o povo num sai [...] Por isso que eles botaram a Vila dos Teimosos, porque nós era teimoso mesmo.”

A identidade de sujeito teimoso é evidenciada nas lembranças das narradoras e no relato de D. Taciana. Ela diz que na época da invasão, quando a polícia chegava para derrubar eles entravam nas casas para impedir. No relato de D. Tânia se expressa não só a identidade de ser teimoso, mas ao mesmo tempo de sujeitos unidos. “Se um não saía os outros também não saíam e continuavam a construção das casas”.

A conquista por moradia é o resultado de uma persistência em permanecer no local e a satisfação em viver na Vila dos Teimosos é constantemente evidenciada nas falas. Como afirma D. Camila: “Daqui eu não saio mais não [...] Eu acho bom aqui”. A convivência em comunidade é algo que contribui para o compartilhamento de recordações e desta convivência vem a satisfação pela moradia, como demonstra D. Tânia: “Eu gosto daqui, porque aqui é minha casa. [...] ‘Onde é que você mora?’ ‘Na Vila dos Teimosos com muito orgulho!’”.

A luta da Vila dos Teimosos não contribui apenas para a conquista de um espaço de moradia, mas, também para a constituição de identidades. Neste sentido, verifica-se a construção de uma identidade de vencedores. Na luta por moradia da Vila dos Teimosos, os sujeitos envolvidos passaram por enfrentamentos que envolveram todo um grupo em busca de uma conquista. Para D. Patrícia eles lutaram e venceram até o fim: “tamo vencendo ainda”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as memórias sobre o processo de luta por moradia na Vila dos Teimosos era o nosso objetivo e refletir sobre este momento foi uma situação delicada, pois se tratava de lembranças de um momento sofrido. Mas, de orgulho e respeito, tendo em vista a organização e resistência dos moradores da Vila dos Teimosos que é constantemente dito pelas narradoras.

A falta de condições para pagar aluguel é o motivo que as leva a participar do movimento. Além disso, a falta de uma casa própria se constitui como um motivo que legitima a luta.

A presença dos agentes externos se configura em uma parceria para conquista por moradia e benefícios como água e luz. Em contrapartida, o poder público e seus representantes se inserem como o principal responsável pela execução dessas conquistas que, por vezes, acarreta vícios com benefícios assistencialistas. As relações com tais agentes, ao mesmo tempo em que legitima o movimento, interferem na participação política dos moradores.

Na Vila dos Teimosos a participação coletiva é o que possibilita uma série de conquistas da comunidade. Tal participação demonstra que a coletividade também legitima a luta. Outro aspecto que parece legitimar a luta é a identidade de trabalhadoras construída nos relatos. Construir as casas é sinônimo de trabalho e com isso não estão no movimento por serem desocupadas. Além do mais, consiste em uma inserção dos sujeitos na vida da cidade, em meio a uma realidade de exclusão e, ao se posicionarem como trabalhadoras, incluem-se nos grupos.

Outras identidades construídas no processo de rememoração da luta por moradia são as de vencedoras, unidas e teimosas. Estas estão inter-relacionadas. Estar junto na luta se faz importante para obter conquistas e, principalmente, saírem vitoriosos do movimento. Nesse sentido, ser teimoso influencia no enfrentamento com os setores públicos e na superação da condição social.

Por fim, acreditamos que a psicologia possa contribuir nesses espaços sociais, reinventando práticas. Esta contribuição pode ocorrer através de intervenções que valorizem as pessoas das classes populares, ante os desafios e anseios sociais existentes. Contribuindo,

também, para que a população supere os medos, conquiste a autonomia e, enfim, assuma atividades democráticas constantemente discutidas e compartilhadas.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S.; CORO, W. **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58 – 75.
- DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, vol. 6. n. 6, p. 09 – 25, 2003.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103 – 133.
- JACOBI, P. Movimentos urbanos e resposta do estado: autonomia e controle vs. cooptação e clientelismo. In: BOSCHI, R. R.1 (org.) **Movimentos coletivos no Brasil urbano**. Série debates urbanos, vol. 5. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1982. p. 145 – 179.
- LAVERDI, R. Na trilha das reivindicações: movimentos populares de moradia em São Paulo e a luta pela reforma urbana na constituinte (1980-1988). **Extraído de**: [www.publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol03](http://www.publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol03). Acesso em: 20 de Agosto, 2007.
- MELLO, S. L. de. **Cadernos de psicologia social no trabalho**. Entrevista. vol. 1. São Paulo. Dez. 1998.
- MENEZES, M. A. de; AIRES, L. M. A. e SOUZA, M. R. de. Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo. In: **V Reunião de Antropologia do MERCOSUL** Cadernos de campo/Artigos. Florianópolis. n. 12, p. 57 – 69, 2004.
- MINAYO, M<sup>a</sup> C. de S. **Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- \_\_\_\_\_. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M<sup>a</sup> C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 09 – 29.
- NASCIUTTI, J. C. R. A instituição como via de acesso à comunidade. In: CAMPOS, R. H. de F. (org.) **Psicologia social comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 100 – 126.
- QUEIROZ, T. C. da N. A construção da memória social: o discurso dos líderes populares urbanos. In: SOUTO - MAIOR FONTES, B. A. (org.). **Movimentos sociais**: motivação, representação e produção de sentido. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1999. p.157 – 181.